

# Consoantes com dupla articulação e *onsets* complexos nas línguas crioulas do Golfo da Guiné

(Doubly articulated consonants and complex onsets in the Creole languages of the Gulf of Guinea)

Gabriel Antunes de Araujo<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade de São Paulo, USP, CNPq

g.antunes@usp.br

**Abstract:** In this paper, I introduce and describe a typology of consonants with double articulation (DA) and complex onset (CO) position in four Portuguese-based Creole languages from the Gulf of Guinea: Santomé (CST), Principense (CP), Angolar (CA) and Fá d'Ambô (CFA). Although they share a common ancestor – the Proto-creole of the Gulf of Guinea – these four languages differ in relation to tolerance of complex onsets, and in terms of the characteristic of the elements that can occupy this position, although they all permit doubly articulated consonants. This variance has brought about a reorganization of the respective phonological systems, with CO excluded from Angolar, Principense and Fá d'Ambô, and several elements allowed in Santomé. In addition to complex onsets, Santomé also allows supercomplex onsets, which are absent in all the other languages in the family. Thus, I demonstrate that McWhorter's (2001) hypothesis of 'simplicity of Creole languages' cannot be applied to the group of Portuguese-based Creole languages of the Gulf of Guinea, as these languages contain complex consonants and syllabic structures, allowing them to be classified as typical, according to the typology of Maddieson (1984) and Klein (2007), that is, languages with between 18 and 35 distinct consonant and vowel elements.

**Keywords:** Phonology; Syllable; Portuguese-based Creoles Languages; Gulf of Guinea.

**Resumo:** Neste texto, descreverei e apresentarei uma tipologia das consoantes com dupla articulação (DA) e da posição de *onset* complexo (OC) em quatro línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné: o Santomé (CST), o Principense (CP), o Angolar (CA) e o Fá d'Ambô (CFA). Ainda que compartilhem um ancestral comum, o protocrioulo do Golfo da Guiné, divergem no que diz respeito à tolerância aos OC e à qualidade dos elementos que podem ocupar essa posição, embora todas as línguas permitam consoantes com DA. Essa divergência provocou um rearranjo em todos os sistemas fonológicos, banindo OC no CA, no CP e no CFA e permitindo vários elementos no CST. Além dos OC, o CST permite *onsets* supercomplexos, ausentes em todas as línguas da família. Dessa forma, mostrarei que a hipótese da 'simplicidade das línguas crioulas' de McWhorter (2001) não pode ser aplicada ao grupo de línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné, pois estas possuem consoantes e estruturas silábicas complexas, o que permite classificá-las, segundo a tipologia de Maddieson (1984) e Klein (2007), como *línguas típicas*, ou seja, línguas que possuem entre 18 e 35 elementos consonantais e vocálicos distintivos.

**Palavras-chave:** Fonologia; Sílaba; Línguas Crioulas de Base Portuguesa; Golfo da Guiné.

## Introdução

No Golfo da Guiné (GG) são faladas cinco línguas crioulas de base portuguesa: o Santomé, o Angolar e, Principense e o Kabuverdianu, na República de São Tomé e Príncipe (STP), e o Fá d'Ambô (na República da Guiné Equatorial). O Kabuverdianu, no entanto, falado pelos trabalhadores (e seus descendentes) levados para STP na primeira metade do século XX, é a única língua não originária da região, por isso não será abordada

neste texto. O Santomé, o Principense e o Fá d'Ambô são crioulos de *plantation* (com forte base lexical portuguesa, ou seja, mais de 85% de cognatos), enquanto o Angolar é um crioulo de quilombo (ARENDS, 1995, p. 15), com cerca de 60% de cognatos portugueses e influência de línguas bantas.

O objetivo deste artigo é descrever as consoantes com dupla articulação e a posição de *onset* complexo em quatro línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné (GG): o Santomé<sup>1</sup> (FERRAZ, 1979; ARAUJO, em preparação), o Principense (MAURER, 2009), o Angolar (MAURER, 1995) e o Fá d'Ambô (BARRENA, 1957; SEGORBE, 2007). Mostrarei que todas essas línguas, ainda que compartilhem um ancestral comum (o protocrioulo do Golfo da Guiné), permitem consoantes com dupla articulação e divergem no que diz respeito à tolerância a *onsets* complexos e à qualidade dos elementos que podem ocupar essa posição. Essa divergência, por sua vez, provocou um rearranjo em todos os sistemas fonológicos, banindo, por completo, *onsets* complexos no Angolar (CA), no Principense (CP) e no Fá d'Ambô (CFA). A tolerância a *onsets* complexos no crioulo Santomé (CST) parece ser uma inovação nesse grupo de línguas. Ao mesmo tempo, o desaparecimento dos *onsets* complexos engatilhou uma série de processos fonológicos nessas línguas (cf. ARAUJO, 2010). Dessa forma, este texto contraria a hipótese da simplicidade das línguas crioulas de McWhorter (2001) ao mostrar que as línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné possuem consoantes complexas bem como estruturas silábicas complexas, o que permite classificá-las, segundo a tipologia de Maddieson (1984) e Klein (2007), como *línguas típicas*, ou seja, línguas que possuem entre 18 e 35 elementos consonantais e vocálicos distintivos.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: em primeiro lugar, apresento os fatos relevantes sobre as consoantes com dupla articulação nas quatro línguas e, em seguida, discuto a posição de *onset* complexo. Posteriormente, apresento uma rápida análise da estrutura silábica, empregando a Teoria da Otimalidade. Por fim, argumentarei que a existência de consoantes com dupla articulação e *onsets* complexos enfraquece as hipóteses que defendem a 'simplicidade' como um traço fundamental das línguas crioulas.

## Consoantes complexas

### Dupla articulação

Consoantes com dupla articulação são fonologicamente simples, embora sejam produzidas com duas oclusões praticamente simultâneas (uma nos lábios e outra levantando a língua em direção ao véu palatino, ou vice-versa, como se fosse a produção de uma consoante velar) (ODDEN, 2005, p. 30). As consoantes com dupla articulação são fonemas e não elementos previsíveis. Foneticamente, no caso das línguas do Golfo da Guiné, as consoantes com dupla articulação, velo-labiais surda e sonora, [k̠p̠] e [g̠b̠], são distintas das consoantes simples [k, g] e [p, b]. A consoante velolabial surda [k̠p̠] ocorre somente no Principense (MAURER, 2009), ao passo que a consoante velolabial sonora [g̠b̠] ocorre tanto no Principense como no Santomé (FERRAZ, 1979; ARAUJO, 2010), embora esteja restrita a poucas palavras.

---

<sup>1</sup> Holm e Madeira (2009) discutem os nomes das línguas crioulas de base portuguesa da África.

- (1) Consoantes velo-labiais
- |      |                 |             |                          |
|------|-----------------|-------------|--------------------------|
| /kp/ | CP <sup>2</sup> | [i. 'kpe]   | ‘semente’                |
| /gb/ | CST             | [gbe. 'gbe] | ‘uma espécie de caracol’ |
|      | CP              | [i. 'gbe]   | ‘corpo’                  |

A origem dessas consoantes está associada às línguas do substrato provenientes da região do delta do Rio Níger, área na qual essas consoantes são endêmicas, uma vez que sua origem não pode ser relacionada a uma reinterpretação dos segmentos velares e bilabiais do português, a língua do superstrato. No Angolar e no Fá d’Ambô, não há consoantes com dupla articulação velo-labiais. Smith (2008, p. 106-7) afirma que, em geral, a oposição /b/ - /gb/ é mais frequente, embora /kp/ também seja comum e, normalmente, ocupe o lugar de /p/ nas línguas da África Ocidental Atlântica. Portanto, o fato de o Principense possuir as duas consoantes velolabiais sugere maior influência das línguas da região do delta do Rio Níger.

**Tabela 1: Tipologia das consoantes velolabiais no GG**

	CFA	CA	CST	CP
Consoante velo-labial surda /kp/	-	-	-	P
Consoante velo-labial sonora /gb/	-	-	P	P

### *Africadas*

As consoantes africadas são combinações de consoantes oclusivas e fricativas e fonologicamente funcionam como um único elemento, porém as consoantes africadas se diferem da sequência consonantal *consoante oclusiva* seguida por *consoante fricativa*. Essas consoantes são fonemas nas quatro línguas do Golfo em questão. No polonês, por exemplo, essa diferença é significativa, pois [tʃi] ‘se’ opõe a [tʃi] ‘três’ (ODDEN, 2005, p. 30). Há consoantes africadas em todas as línguas crioulas do GG, contudo o Santomé, o Angolar e o Fá d’Ambô possuem consoantes africadas pós-alveolares sonora e surda, [dʒ] e [tʃ]. O Principense (MAURER, 2009) possui somente a consoante surda [tʃ] e uma consoante oclusiva pós-alveolar sonora palatalizada [dʃ], oriunda da nativização da sequência [d] + [i] nas palavras de origem portuguesa. Note-se que, nas demais línguas, essa mesma sequência foi nativizada como [dʒ], embora haja também palavras de origem não-portuguesa com essa consoante.

- (2) Africadas
- |     |      |                           |                |
|-----|------|---------------------------|----------------|
| CST | [dʒ] | [dʒe.lu]                  | ‘dinheiro’     |
|     | [tʃ] | [ki.tʃi.'ba]              | ‘banana prata’ |
| CFA | [dʒ] | [dʒil]                    | ‘prisão’       |
|     | [tʃ] | [tʃi.'li.p <sup>a</sup> ] | ‘intestinos’   |
| CA  | [dʒ] | [dʒɛ.'dʒa]                | ‘depressa’     |
|     | [tʃ] | [tʃi.'ba]                 | ‘banana’       |
| CP  | [tʃ] | [tʃi.pa]                  | ‘intestinos’   |

<sup>2</sup> Os dados, exceto menção em contrário, provêm de: CST (FERRAZ, 1979), CA (MAURER, 1995), CFA (SEGORBE, 2007) e CP (MAURER, 2009).

Portanto, a consoante africada surda, encontrada em todas as línguas, deve estar presente também no protocioulo (marcada na tabela com o sombreamento), ao passo que a sua contraparte sonora é uma inovação, isto é, uma interpretação da consoante africada sonora do português arcaico ou da sequência [d] + [i].

**Tabela 2: Tipologia das consoantes africadas no GG**

	CST	CFA	CA	CP
Consoante africada sonora /d̪z̪/	✓	✓	✓	-
Consoante africada surda /t̪ʃ̪/	✓	✓	✓	✓

### *Pré-nasalizadas*

As consoantes pré-nasalizadas têm uma parte inicial nasal e uma parte final oclusiva (sonora ou surda), silabificadas no *onset*. Quando no começo de palavra, nas línguas em questão, a parte nasal pode ser apagada. Contudo, no segundo elemento componente de compostos, em todas as línguas do Golfo, o traço nasal é estável, engatilhando, inclusive, processos de espalhamento da nasalidade para o primeiro componente, como pode ser observado no exemplo do Santomé [kɛ] + [ʎŋlãdʒi] → [kʎŋlãdʒi] ‘casa grande’.

Consoantes pré-nasalizadas ocorrem nas línguas da região do delta do Níger e principalmente em línguas bantas, por isso sua presença nas línguas do Golfo pode ser atribuída às línguas do substrato (cf. SMITH, 2008, p. 107-112).

#### (3) Léxico de origem não-portuguesa

CST	[nd̪õ'bo]	‘ramos tenros de palmeira’
CA	[m̪bita]	‘cabaça’
CFA	[ʎŋge]	‘pessoa’
CP	[ʎŋo'ro]	‘criança raquítica’

Igualmente, há itens lexicais de origem portuguesa (LOPT) com consoantes pré-nasalizadas iniciais. Assim, muitas das consoantes pré-nasalizadas nas línguas crioulas do Golfo da Guiné têm sua origem associada à reinterpretação de sequências *vogal + consoante nasal + consoante oclusiva* do léxico de origem portuguesa (LOPT), marcadas em negrito:

#### (4) Pré-nasalizadas: origem portuguesa

CST	[n̪fi'melu]	‘ <b>en.fermeiro</b> ’
CA	[n̪fu'melu]	‘ <b>en.fermeiro</b> ’
CFA	[n̪fenu]	‘ <b>in.ferno</b> ’
CP	[n̪tõ]	‘ <b>en.tão</b> ’

Desse modo, historicamente, vogais nasalizadas iniciais do português foram interpretadas como consoantes pré-nasalizadas nos crioulos. Esse fenômeno é típico da interferência da fonologia da língua materna na segunda língua (cf. PARADIS, 1996; KENSTOWICZ, 2001; MYERS-SCOTTON, 2002), especialmente em um ambiente multilinguístico como aquele que proporcionou o nascimento das línguas crioulas do GG.

No começo de palavra, tanto no léxico de origem portuguesa como no léxico de origem não-portuguesa, há variação: a consoante pré-nasalizada pode ocupar o *onset* da sílaba inicial ou pode haver a inserção de uma vogal, com a criação de uma nova sílaba, gerando a nasalização dessa vogal e a posterior ressilabificação da parte nasal para a coda da sílaba inicial.

(5)	LOPT	‘inteiro’	[ĩ'teru]	→	CFA	[n̄te.lu] ~ [ʔn.'te.lu]
	LOPT	‘entregar’	[ĩte'grar]	→	CST	[n̄te.'gla] ~ [ĩn.te.'gla]
	LOPT	‘incomodar’	[ĩkomo'dar]	→	CP	[n̄ko.mo.'da] ~ [ĩn.ko.mo.'da]

Por esse motivo, Maurer (1995, 2009) interpreta como silábicas as consoantes nasais seguidas por consoantes oclusivas. Portanto, para Maurer, trata-se de mais uma possibilidade na estrutura silábica do Angolar, ou seja, é uma maneira de interpretar as consoantes pré-nasalizadas não como consoantes pré-nasalizadas, mas como consoantes nasais silábicas. Essa análise coloca mais complexidade no quadro das estruturas silábicas e não encontra equivalentes nas demais línguas crioulas do Golfo.

A tabela 3 resume o quadro das consoantes pré-nasalizadas nos crioulos do Golfo. No entanto, Maurer (1995) não descreve de forma clara todas as ocorrências possíveis no Angolar, pois os exemplos apresentados em seu glossário diferem daqueles descritos na fonologia. Assim, considerarei somente os dados descritos na fonologia do Angolar (MAURER, 1995, p. 28-38).

**Tabela 3: Tipologia das consoantes pré-nasalizadas no GC**

	m̄b	m̄p	m̄l	m̄f	n̄d	n̄g	n̄k	n̄t	n̄f	n̄j	n̄z	n̄dʒ	n̄tʃ
CST (12)	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	-
CA (8)	✓	✓	-	-	✓	✓	✓	-	✓	✓	-	✓	-
CP (6)	✓	-	-	-	✓	✓	✓	✓	-	-	✓	-	-
CFA (6)	-	✓	✓	-	✓	-	-	✓	✓	-	-	-	✓

Smith (2008, p. 109) afirma que esses tipos de consoantes *only occur in the creoles exhibiting a more African type of sound system*. No entanto, a tabela 3 mostra que o Santomé, contrariamente à afirmação de Smith, é a língua com o maior número de consoantes pré-nasalizadas, seguida pelo Angolar (que pode ter, de fato, muitos outros segmentos pré-nasalizados, confirmando um sistema fonológico influenciado por línguas africanas). A partir da tabela 3, podemos observar que somente a consoante pré-nasalizada [n̄d] está presente em todas as línguas. Comumente, as outras pré-nasalizadas estão presentes em pelo menos três línguas, caso de [m̄b], [m̄p], [n̄t], [n̄f], [n̄g] e [n̄k]. Com ocorrência em duas línguas, têm-se [m̄l], [n̄dʒ], [n̄j] e [n̄z]. Por fim, o [m̄f] ocorre somente no CST e o [n̄tʃ] somente no CFA. O CST apresenta doze consoantes pré-nasalizadas, o CA oito, o CP e o CFA seis, cada uma.

## Onsets complexos

Além de consoantes complexas, as línguas crioulas do Golfo apresentam um grupo formado por mais de uma consoante que ocorre exclusivamente na posição de *onset*. Assim, um *onset* complexo é aquele cujas posições estruturais são ocupadas por duas consoantes. Nas línguas do GG, o CST e o CFA permitem sílabas com *onsets* complexos, ao passo que o CP e CA, não. Contudo, Maurer (1995, p. 35) menciona que, no Angolar, os *onsets* complexos estão limitados a onomatopeias, como em [tre'ter] 'um tipo de pássaro' e a alguns empréstimos do português, como em ['sta.ka] ~ ['ʃta.ka] 'estaca'. Não obstante, Maurer afirma que, diacronicamente, o CA apresenta uma série de estratégias, como epêntese, apagamento e metátese, para impedir a realização de *onsets* complexos. Portanto, seguindo Maurer, considerarei que não há *onsets* complexos em Angolar. Já no que diz respeito ao CFA, a existência de alguns *onsets* complexos nos permite supor que somente alguns padrões foram ativados. Há poucos exemplos com *onsets* complexos tanto em Barrena (1957) como em Segorbe (2007), porém outros *clusters* podem ser atestados quando estiverem disponíveis mais dados. O CP não apresenta nenhum tipo de *onset* complexo. Assim, o CFA (oito combinações) e o CST (doze combinações) são as línguas do grupo que têm *onsets* complexos.

- (6) CST: a.  $C_1C_2$ , onde  $C_1 = [ʃ]$       ʃt, ʃk  
b.  $C_1C_2$ , onde  $C_2 = [l]$       **ml**, **pl**<sup>3</sup>, bl, tl, dl, gl, **kl**, vl, fl, ʃl

O CST possui uma série cujo primeiro elemento é a consoante fricativa coronal surda [-anterior] que pode ser seguida pela consoante alveolar surda ou pela consoante velar sonora, isto é, [ʃt] ou [ʃk], respectivamente, cf. (9)a. Já no CFA, o primeiro elemento é a consoante fricativa coronal surda [+anterior], seguida pelas consoantes alveolar surda, [st], velar surda [sk] ou labial surda [sp], ver (11)(11)a. Em ambas as línguas, as combinações consonantais são surdas.

O Santomé apresenta uma longa série de consoantes complexas cujo segundo elemento é a consoante lateral sonora [l]. O primeiro elemento da série pode ser qualquer consoante obstruinte da língua, exceto /s, z/ ou a consoante nasal bilabial /m/.

- (7) CST      [ˈm̃la.gu]      'magro'  
CFA      [ˈm̃la]      'moer'

Excluindo-se [m̃] e [ʃl], todos os demais *clusters* do CST ocorrem também no Português. Entretanto, o Português possui também *clusters* com [r] como segundo elemento (cf. CRISTÓFARO-SILVA, 2002). Não obstante, os róticos do Português foram e são nativizados como [l] em Santomé, portanto a fonte do *cluster* com segundo elemento [l] pode ser o *cluster* com [l] ou [r] no léxico de origem portuguesa.

Embora o Fá d'Ambô não restrinja os róticos, há dados documentando tanto o [r] como a lateral [l] na segunda posição do *cluster*. Segorbe (2007, p. 84, 89), contudo, afirma que os *clusters* com [r] como segundo elemento ocorrem especialmente na fala dos mais jovens e reflete influências do bilinguismo com o espanhol. Das consoantes encontradas na primeira posição do *onset* complexo do CST, apenas cinco, [m, p, k, g, f], foram

<sup>3</sup> O negrito indica elemento comum ao CST e ao CAB.

documentadas no CFA. Contudo, não há uma restrição estrutural que impeça as demais consoantes de ocorrerem nessa posição.

(8)	CFA:	$C_1C_2$ , onde $C_1 = [s]$	st, sk, sp
		$C_1C_2$ , onde $C_2 = [l]$	<b>ml, pl, kl</b>
		$C_1C_2$ , onde $C_2 = [r]$	gr, fr

Tanto o CFA como o CST possuem uma consoante nasal com o primeiro elemento nasal bilabial e o segundo lateral. Limitada a poucas ocorrências, essa consoante complexa é originária de um rearranjo envolvendo o apagamento de /R/ e múltiplos processos fonológicos diacrônicos. Diferentemente das consoantes pré-nasalizadas verdadeiras, não há variação entre o *onset* complexo ‘pré-nasalizado’  $[m̃]$  e a parte oral  $[l]$ , por esse motivo, este *cluster* será tratado como um caso de *onset* complexo e não como um de consoante complexa. Do mesmo modo, o CST também apresenta um *onset* complexo formado por  $[ʃl]$ , ou seja, a consoante fricativa pós-alveolar surda como primeiro elemento e a lateral alveolar como segundo.

O CST, além dos *onsets* complexos, permite *onsets* supercomplexos com três elementos, ausentes em todas as línguas da família. Os *onsets* supercomplexos (três consoantes) são formados da seguinte forma:  $C_1$  deve ser a consoante fricativa coronal surda [-anterior],  $[ʃ]$ ,  $C_2$  pode ser  $[k]$  ou  $[t]$  e  $C_3$  deve ser  $[l]$ . Portanto, trata-se de uma combinação da consoante  $[ʃ]$  com os *onsets* complexos  $[kl]$  e  $[tl]$ . Ocorrem somente no começo de palavra e são resultantes de processos de apagamento da vogal inicial da palavra no léxico de origem portuguesa e de processos de silabificação e conversão de  $[r]$  em  $[l]$ .

(9)	CST	
	/ʃkl/	$[ʃkle've]$ ‘escrever’
	/ʃtl/	$[ʃtlada]$ ‘estrada’
		$[ʃtli'ʒõ]$ ‘curandeiro’

Consequentemente, pode-se afirmar que o CST permite o maior número de *onsets* complexos, o CFA marginalmente, ao passo que o CA e o CP não os permite. Este padrão está ligado a dois outros fatores não explorados neste texto (cf. ARAUJO, em preparação): as possibilidades estruturais da sílaba nas línguas do Golfo da Guiné.

O CST permite *onsets* complexos e supercomplexos, núcleos complexos (ditongos decrescentes) e codas. O CFA, por sua vez, permite alguns *onsets* complexos, porém não apresenta *onsets* supercomplexos. Já o CA e o CP rejeitam tanto codas como *onsets* complexos, entretanto permitem núcleos complexos (ditongos e vogais longas).

A tabela 4 mostra que, em todas as línguas, o núcleo é obrigatório. O núcleo complexo, por sua vez, representado por uma vogal longa (no CA, no CFA e no CP) ou uma sequência glide-vogal (no CST) ocorre nos quatro crioulos. Todas as línguas têm um elemento no *onset* simples, porém essa posição silábica, assim como a coda, não é obrigatória, ou seja, pode haver sílabas formadas apenas por uma vogal. *Onsets* complexos são encontrados no CST e no CFA, enquanto somente o CST permite um *onset* supercomplexo. Elementos na coda são restritos e ocorrem apenas no CST e no CFA. Codas com mais de um elemento não ocorrem em nenhuma das línguas.

**Tabela 4: Tipologia da complexidade silábica nas línguas do GG**

	CST	CFA	CP	CA
<i>Onset</i> simples	✓	✓	✓	✓
<i>Onset</i> complexo	✓	✓	-	-
<i>Onset</i> supercomplexo	✓	-	-	-
Núcleo	✓	✓	✓	✓
Núcleo complexo	✓	✓	✓	✓
Coda	✓	✓	-	-
Coda complexa	-	-	-	-

Dessa forma, o protocrioulo do Golfo da Guiné possuía uma sílaba máxima formada por CVV, ou seja, *onset* seguido por um núcleo complexo, formado por duas vogais, sendo uma vogal longa ou um ditongo. A sílaba mínima era formada por uma vogal, assim, o *onset* era opcional. *Onsets* complexos e codas são inovações do CST e do CFA.

Todas as línguas crioulas do Golfo da Guiné têm o português como língua lexificadora (cf. HOLM, 1989, p. 259-84). Contudo, a base lexical dessas línguas é formada pelos itens lexicais do protocrioulo. Dessa maneira, as diferentes possibilidades de consoantes complexas e de estruturas silábicas refletem microvariações nas gramáticas dessas línguas em relação ao protocrioulo e não em relação ao português. Desse modo, restrições de boa formação e pequenas mudanças na hierarquia dessas línguas nos permitem derivar todas as possibilidades de sua estrutura silábica.

Ao analisarmos os cognatos nas quatro línguas, é possível notar que ocorreram diferentes processos fonológicos (epêntese, síncope, metátese etc.) que geraram essas cofonologias. Analisemos, por exemplo, a permissão a *onsets* complexos face à opção por elementos epentéticos. Serão comparadas duas estruturas com *onset* complexo e as respectivas soluções nas quatro outras línguas. A palavra de origem portuguesa ‘estrela’ é, atualmente, realizada como [ʃtle.la] no CST, [ʃntela] no CFA, [ʃʰela] no CA e [ʃtela] no CP. Assim, a partir do étimo do protocrioulo, \*ʃtlela houve, no CST, o apagamento da vogal inicial, seguida pela ressilabificação da consoante fricativa para a primeira posição do *onset*. No CFA, a sequência inicial foi interpretada como nasal e o *cluster* desfeito, via apagamento do segundo elemento. Já no CA e no CP, a sílaba inicial átona foi apagada, assim como o segundo elemento do *onset* complexo.

Portanto, nos termos da Teoria da Otimalidade, o CST e o CFA possuem a restrição \*COMPLEX-ONSET (*onsets* devem ser simples) dominada pela restrição MAX-IO (segmentos no *input* devem ter correspondentes no *output*, i. é, evite apagamentos). A restrição MAX-IO não requer que um segmento no *input* e seu correspondente no *output* tenha traços idênticos, apenas requer que cada segmento no *output* tenha pelo menos um correspondente no *input* (KAGER, 1999, p. 102). No que diz respeito à coda, o CST e o CFA têm a restrição NOCODA (evite codas) dominadas por outras restrições, ao passo que o CP e o CA têm essa restrição altamente ordenada. Dessa forma, o Principense e o Angolar proíbem codas, aceitas no Santomé e Fá d’Ambô. Todas as quatro línguas permitem núcleos ramificados, seja como vogal longa (CFA, CA e CP), seja como ditongo (as quatro línguas).

## Considerações finais

Este artigo tem basicamente duas implicações. A primeira diz respeito à complexidade do quadro fonológico das línguas crioulas do Golfo da Guiné. De um lado, a mera existência de consoantes com dupla articulação, *onsets* complexos e supercomplexos nas línguas crioulas, é um desafio para a Hipótese da Simplicidade das Línguas Crioulas (McWHORTER, 2001), que afirma que as línguas crioulas são as mais simples do mundo. Segundo a tipologia de Maddieson (1984), há três tipos de inventários de fonemas: os simples, os típicos e os complexos. Os simples seriam aqueles com até 19 segmentos. Os inventários com 20 a 37 elementos são considerados típicos e os com mais de 37, complexos. O CST possui cerca de 31 fonemas, o CA 37, o CP tem 29 e CFA possui 32, considerando as vogais e consoantes. Portanto, todas essas línguas devem ser consideradas como línguas de inventários fonológicos típicos.

A segunda diz respeito à estrutura do protocrioulo. Não obstante, a análise sugere que no protocrioulo a sílaba máxima era CVV, ao passo que a sílaba mínima era formada por uma vogal. A complexidade nas estruturas silábicas do CST e do CFA pode ser tardia, influenciada pelo léxico de origem portuguesa. Assim, o nível de complexidade do crioulo Santomé em relação aos demais sugere este ser a forma mais distante do protocrioulo. Ao mesmo tempo, a influência das línguas da região da Nigéria se mostra mais robusta no Principense, evidenciada, sobretudo, pelas consoantes velo-labiais e ausentes no CFA e no CA. A consoante africada surda /tʃ/ também deve estar no protocrioulo, pois está presente em todas as línguas em discussão e é um elemento oriundo da língua do superstrato. Por fim, a tipologia das consoantes pré-nasalizadas aponta para uma maior influência das línguas da África Central no CST e no CA ou para um maior afluxo de falantes do crioulo como segunda língua dessa região, evidenciadas por palavras com consoantes pré-nasalizadas de origem não-portuguesa. Por outro lado, esses mesmos falantes do protocrioulo como segunda língua poderiam interpretar as palavras de origem portuguesa como se tivessem consoantes pré-nasalizadas, em sequências que eram originalmente de *vogal-consoante nasal-consoante oclusiva*.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Gabriel Antunes de. *Fonologia das línguas crioulas de base portuguesa do Golfo da Guiné*. Universidade de São Paulo, em preparação.

\_\_\_\_\_. Alongamento compensatório em Principense. Paper apresentado no XI Encontro da Associação para o estudo dos Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, LLACAN, Paris, 1-3 de julho de 2010, 2010.

ARENDS, Jacques. The socio-historical background of creoles. In: ARENDS, Jacques et al. (Orgs.) *Pidgins and creoles: an introduction*. Amsterdam: John Benjamins, 1995. p. 15-24.

BARRENA, Natalio. *Gramática anobonesa*. Madrid: Junta de Investigaciones, 1957.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. Branching onsets in Brazilian Portuguese. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 10, n. 1, p. 91-107, 2002.

- FERRAZ, Luiz Ivens. *The Creole of São Thome*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1979.
- HOLM, John. *Pidgins and Creoles*, vol II. Cambridge: CUP, 1989.
- HOLM, John; MADEIRA, Sandra. À propos des noms de variétés du portugais restructuré em Afrique. In: C. de Feral (Org.) *Le nom des langues III*. Le nom des langues en Afrique sub-saharienne: pratiques, denominations, catégorisations. Naming Languages in Sub-Saharan Africa: Practices, Names, Categorisations (sous la direction de C. de Féral), BCILL 124. Louvain-la-Neuve: Peeters, 2009. p. 109-118.
- KAGER, Rene. *Optimality Theory*. Cambridge: CUP, 1999.
- KENSTOWICZ, Michael. The role of perception in loanword phonology. *Studies in African Linguistics*, 32, p. 95-112, 2001.
- KLEIN, Thomas. *Creole phonology typology: phonemic inventory size, vowel quality distinctions and stop consonant series*. Manuscript, 2007.
- MADDIESON, Ian. *Patterns of sounds*. Cambridge: CUP, 1984.
- MAURER, Philippe. *L'Angolar*. Helmut Verlag, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Principense*. London: Battlebridge, 2009.
- McWORTHER, John. The world's simplest grammars are Creole grammars. *Linguistic Typology* 5, p. 126-166, 2001.
- MYERS-SCOTTON, Carol. *Contact Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- ODDEN, David. *Introducing Phonology*. Cambridge: CUP, 2005.
- PARADIS, Carole. The inadequacy of filters and faithfulness in Loanword Adaptation. In: DURAND, Jacques; LAS, Bernard (Orgs.). *Current trends in phonology*. Salford: University of Salford Publications, 1996.
- SEGORBE, Armando. *Gramatica descritiva del fá d'ambô*. Manuscrito, 2007.
- SMITH, Norval. Creole Phonology. In: KOUWENBERG, Silvia; SINGLER, John Victor (Eds). *The Handbook of Pidgin and Creole Languages*. Malden: Blackwell, 2008. p. 98-129.